



XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM CURSOS SUPERIORES DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA: A EXPERIÊNCIA DA FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA

Maria Elizete Luz Saes

Faculdade de Tecnologia de Americana

elizeteluz@gmail.com

Oswaldo Succi

Faculdade de Tecnologia de Americana / Universidade Federal de São Carlos

osvaldosucci@gmail.com

Luciene Maria Garbuio

Faculdade de Tecnologia de Americana

lugarbuio@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte temático de uma pesquisa em desenvolvimento na Faculdade de Tecnologia de Americana, vinculada ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, cujo objetivo é analisar criticamente as ações de internacionalização, para compreender suas características e refletir como tal processo pode contribuir com as estratégias de cooperação internacional, geração de novos conhecimentos e com o fortalecimento do ensino, pesquisa e extensão em instituições de ensino superior. A análise dos dados coletados a partir de pesquisa documental, questionários e entrevistas semiestruturadas fornecerá subsídios para proceder à caracterização dos programas e ações de internacionalização em desenvolvimento na Fatec Americana. Análises preliminares indicam que essas ações podem contribuir com a formação técnica e acadêmica de seus alunos, aperfeiçoar suas competências linguísticas bem como ampliar a capacidade de compreender diversidades interculturais em ambientes profissionais/educacionais. As reflexões ainda em desenvolvimento poderão contribuir também para que gestores acadêmicos procedam à adequação dos programas de internacionalização de instituições de ensino superior.

Palavras-chave: internacionalização; instituições de ensino superior; cooperação internacional; competências linguísticas; diversidade intercultural.

Introdução

Os programas de internacionalização em desenvolvimento nas Instituições de Ensino Superior devem ser considerados, segundo Knight (2011), como um processo ou um meio para atingir um objetivo e não uma finalidade em si mesma.

A partir dessas considerações, além de outras que serão levantadas neste trabalho, pretende-se analisar criticamente as ações de internacionalização em desenvolvimento na Fatec Americana, para compreender suas características e refletir como tal processo pode

contribuir com as estratégias de cooperação internacional, geração de novos conhecimentos e com o fortalecimento do ensino, pesquisa e extensão na unidade.

A análise dos dados, oriundos de entrevistas, questionários e pesquisa documental, será utilizada como parâmetro para elaboração de propostas de indicadores, cujo objetivo final é analisar os graus de internacionalização dos cursos superiores de tecnologia da instituição. Tais indicadores poderão também apontar caminhos e apresentar perspectivas para a internacionalização dos referidos cursos.

Na elaboração deste trabalho serão abordados alguns aspectos teóricos fundamentais para a compreensão do processo de internacionalização que se desenvolve nas instituições de ensino superior.

As primeiras análises documentais realizadas resultaram na caracterização preliminar dos programas e ações de internacionalização que são desenvolvidos na Faculdade de Tecnologia de Americana, que é vinculada ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza no Estado de São Paulo e se constituem em cenário para que se procedam às análises que devem nortear a investigação.

Espera-se, dessa forma, que as reflexões provindas dessas análises e de outras, ainda em desenvolvimento, possam contribuir para a adequação dos programas de internacionalização do Centro Paula Souza, de maneira a fortalecer a formação técnica e acadêmica de seus alunos, aperfeiçoar suas competências linguísticas bem como ampliar a capacidade de compreender diversidades culturais.

A internacionalização na educação superior

Na primeira etapa de nossa pesquisa sobre as ações de internacionalização em desenvolvimento na Faculdade de Tecnologia de Americana, focalizamos alguns aspectos teóricos que consideramos imprescindíveis para fundamentar as discussões que serão realizadas, quando da análise e interpretação de dados deste trabalho, sobre o processo de internacionalização que vem ocorrendo nas instituições de ensino superior e de que maneira essas ações podem contribuir com as estratégias de cooperação internacional, geração de novos conhecimentos e com o fortalecimento do ensino, pesquisa e extensão nas referidas instituições.

A partir das primeiras incursões bibliográficas é possível verificar que a internacionalização das instituições de ensino superior (IES) tem ocupado um espaço temático considerável nos periódicos e bancos de teses e dissertações, nas últimas décadas, tanto nacionais como internacionais.

Primeiramente é importante destacar que o termo internacionalização na educação superior é usado há cerca de duas décadas. Segundo De Wit (2013), o termo adotado anteriormente “educação internacional” abrangia uma série de atividades isoladas que se desenvolviam nas instituições de ensino. O autor destaca também que

Vários fatores – como a queda da cortina de ferro, o processo da unificação europeia e a crescente globalização de nossas economias e sociedades – desempenharam um papel nesta transferência de uma noção fragmentada e marginal de “educação internacional” para o conceito da internacionalização mais integrado, ou seja, abrangente. (DE WIT, 2013, p.70).

Em relação a esse conceito abrangente, Knight (2011) afirma que a internacionalização deve ser um processo ou um meio de aprimorar ou para atingir um objetivo, e não uma finalidade em si mesma e dessa forma, pode contribuir com o desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e dos valores internacionais e interculturais entre os estudantes, por meio das melhorias no ensino e no aprendizado, da

mobilidade internacional e de um currículo que inclua elementos comparativos, internacionais e interculturais.

Rudzki (1995) afirma que a internacionalização da educação superior deve ser considerada uma característica comum a todas as universidades e deve contemplar os seguintes aspectos: mudança organizacional, inovação do currículo, desenvolvimento da equipe e a mobilidade de estudantes, com o propósito de alcançar um nível de excelência relacionado ao ensino e à pesquisa.

No Brasil, os pesquisadores também destacam as ações crescentes em direção à internacionalização das instituições e discutem as possíveis causas que desencadearam esse processo. Há estudos que, por exemplo, se debruçam sobre a influência do processo de globalização na educação (MIURA, 2006). Já outros sobre a suposta valoração do multiculturalismo e do multilinguismo adotado por governos e instituições de ensino (LIMA E MARANHÃO, 2011).

É possível verificar também que muitos invocam a questão da inovação tecnológica como elemento propulsor das inúmeras formas de mobilidade na educação superior, assim como os que focalizam o aspecto mercantil das instituições inseridas no processo de internacionalização (SOUZA E FLEURY, 2009; ALTBACH, 2012).

O enfoque atribuído às razões predominantemente acadêmicas é discutido por Marrara (2007), que destaca a possibilidade das políticas de internacionalização estarem atreladas à formação de docentes, pesquisadores, pessoal administrativo e discentes, o que permitiria a realização de experiências complementares ao processo educacional no âmbito da graduação e da pós-graduação. Marrara (2007) conceitua a internacionalização no contexto da pós-graduação brasileira,

[...] como um processo composto por medidas de cooperação internacional, necessárias para que um determinado programa de pós-graduação complemente a capacitação de seus discentes e docentes, objetivando estimular o progresso da ciência e a solução de problemas brasileiros e comuns da humanidade. (p.251).

Marrara (2007) também identifica duas formas de internacionalização das instituições de ensino superior (IES), segundo a ótica administrativa, denominadas por ele de internacionalização ativa e passiva. As propostas que partem das IES nacionais em direção às instituições receptoras estrangeiras são denominadas passivas e compreendem a mobilidade de discentes, docentes e pesquisadores para instituições estrangeiras. Contemplam, ainda, a publicação de trabalhos científicos em periódicos estrangeiros. Esse tipo de internacionalização depende do apoio das agências de fomento e amparo à pesquisa, no caso do Brasil a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

O autor afirma também que a internacionalização ativa se caracteriza pelo acolhimento de docentes, pesquisadores e discentes estrangeiros na IES nacional. Segundo o autor, “a forma ativa depende do engajamento e da abertura das IES nacionais para a internacionalização através de programas próprios, que são oferecidos e consumidos pela comunidade acadêmica” (MARRARA, 2007, p. 255).

O autor destaca também que as duas formas, passiva e ativa, devem ser consideradas na tentativa de atingir objetivos da internacionalização e, no caso do Brasil, a forma ideal seria a utilização de ambas de forma conjunta.

Em contrapartida, Lima e Contel (2008) afirmam que a partir das experiências dos programas de internacionalização das universidades públicas brasileiras é possível observar que se formou uma cultura de internacionalização passiva, ou seja, programas pautados em emissão de estudantes e professores pesquisadores e recepção de professores visitantes, o que

gera um desequilíbrio entre o número de estudantes que deixam o Brasil e o número de estudantes que são acolhidos nas universidades brasileiras.

Lima e Contel (2008) destacam, ainda, que

Apesar de historicamente o processo de internacionalização se desenvolver, principalmente, a partir da circulação de pessoas, criação de programas conjuntos e transnacionalização de instituições (KNIGHT, 2005), no Brasil os programas ainda são predominantemente focados na mobilidade das pessoas (estudantes, professores e pesquisadores), muito pouco na criação de programas conjuntos e sem qualquer experiência de transnacionalização de IES. Estas evidências revelam uma cultura acadêmica centrada em atividades que reforçam a internacionalização passiva – compreensível em um país que demorou a fundar os pilares de uma cultura acadêmica nos moldes dos países que se consagraram na recepção de acadêmicos. (p. 22)

A partir das reflexões preliminares é possível afirmar quão importantes são os estudos e pesquisas, no sentido de caracterizar as ações de internacionalização que ocorrem nas IES. Os resultados desses estudos podem servir de subsídios para que as instâncias administrativas do Centro Paula Souza e quiçá de outras IES possam (re)elaborar as políticas de internacionalização a serem adotadas em seus programas, bem como para propor indicadores aptos a avaliar os objetivos e grau de internacionalização da instituição.

Esses indicadores, por sua vez, poderão nortear as ações administrativas das IES em relação ao processo de internacionalização, bem como poderão ser utilizados como parâmetros para avaliações institucionais e avaliações externas.

No caso específico dos cursos superiores de tecnologia, deve-se levar em consideração o perfil dos discentes, docentes, das instituições educacionais parceiras e pesquisadores, além de outras características didático-científicas da comunidade, como a produção bibliográfica e os grupos de pesquisa da instituição.

Acordo de Cooperação Internacional: SUNY- Centro Paula Souza

A Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Americana (SP) é uma das unidades de ensino superior tecnológico pertencente ao Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” (Centro Paula Souza), que por sua vez é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI). O Centro Paula Souza administra cerca de 217 Escolas Técnicas (Etecs) e 63 Faculdades de Tecnologia (Fatecs), com aproximadamente de 288 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superior tecnológico distribuídos em 300 municípios paulistas.

A Fatec Americana iniciou suas atividades de ensino de graduação em Americana, em 08 de setembro de 1986, com a implantação do Curso de Tecnologia Têxtil. Atualmente, a Fatec Americana oferece seis cursos de Graduação Tecnológica: Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; Tecnologia em Gestão Empresarial; Tecnologia em Jogos Digitais; Tecnologia em Logística; Tecnologia em Produção Têxtil e Tecnologia em Segurança da Informação.

O Programa de Pós-graduação *lato sensu*, implantado a partir de 2010, oferece cursos nas áreas de Gestão Avançada de Negócios e Gestão de Projetos em Tecnologia da Informação e Química Têxtil.

Nesse cenário de produção de conhecimento nas áreas tecnológicas citadas, inicia-se o processo de internacionalização na Unidade, formalizado, em 17 de novembro de 2010, com a assinatura do Acordo de Cooperação entre o Centro Paula Souza e a State University of New York – SUNY (EUA).

A State University of New York foi fundada em 1816, em Potsdam, estado de Nova Iorque, e é considerada a maior instituição de ensino superior público dos Estados Unidos. O sistema SUNY abrange 64 campi no estado e oferece cursos superiores de formação profissional (*Community Colleges*), além de cursos superiores de graduação e pós-graduação em diferentes áreas do conhecimento.

O acordo, cujo objetivo principal é formalizar a cooperação entre ambas as instituições para promover o desenvolvimento de programas acadêmicos, científico-tecnológicos e culturais, contempla nove cláusulas específicas sobre os procedimentos decorrentes da cooperação e prevê a vigência de cinco anos, a partir da data de sua assinatura.

O documento indica, ainda, que a coordenação das ações por parte do Centro Paula Souza é de responsabilidade do Diretor da Faculdade de Tecnologia de Americana e por parte da SUNY a responsabilidade é do Diretor de Desenvolvimento e Revisão Curricular de SUNY Genesee.

A partir da assinatura desse Acordo algumas ações começaram a ser delineadas na Unidade, em colaboração com duas unidades da SUNY, que apresentam características semelhantes aos cursos oferecidos nas Fatecs: Genesee Community College, localizada na cidade de Batavia e Ulster County Community College, localizada em Stone Ridge, ambas pertencentes ao Estado de Nova Iorque.

As ações conjuntas contemplam: mobilidade de professores e alunos; cursos de Imersão em Língua e Cultura; diplomação e certificação dupla; participação em projetos interdisciplinares; sistemas de equivalência entre disciplinas; propostas de publicação conjunta, entre outras propostas.

Para procedermos a essa análise documental, primeiramente consultamos o acervo do Programa de Internacionalização da Unidade, com o objetivo de identificar e selecionar documentos que fornecessem subsídios para a descrição dos programas e ações desenvolvidos.

Os primeiros documentos selecionados consistiram em: acordos de cooperação e convênio; propostas de cursos; relatórios dos coordenadores do Núcleo de Línguas e Internacionalização; ofícios institucionais, entre outros. Consultamos, ainda, as *homepages* institucionais, além de documentos específicos sobre os programas.

Convém destacar também que o processo de internacionalização que tem se instaurado na Fatec Americana, tem recebido contribuições e influências de ações externas à unidade, em nível institucional, estadual, federal e por iniciativas privadas e também fazem parte da contextualização do cenário das pesquisas que desenvolvemos na Unidade. Todavia, para o desenvolvimento deste trabalho, selecionamos apenas as ações desenvolvidas em parceria com a SUNY.

Cursos de Imersão em Línguas

O curso de Imersão em Língua Inglesa e Cultura Americana, um dos resultados desse convênio é coordenado na Fatec Americana por um professor da área de língua inglesa. A primeira edição ocorreu em julho de 2010, em parceria com Genesee Community College (GCC) e Ulster County Community College (UCCC) e atendeu cerca de 80 alunos.

Na segunda edição, o Curso foi estendido também para a Fatec São José dos Campos (43 alunos), além da Fatec Americana (145 alunos), que ofereceu também Curso de Moda e Design e Empreendedorismo.

Na terceira edição, em julho de 2012, o programa atendeu também a Fatec São José do Rio Preto, além de São José dos Campos. A Fatec Americana recebeu nove professores estrangeiros para atender cerca de 200 alunos.

Na quarta edição, realizada de 15 a 26 de julho de 2013, o curso atendeu 66 alunos, divididos em três turmas: Inglês Básico, Inglês Intermediário e Inglês Avançado, sob a responsabilidade de dois professores de SUNY Genesee e um professor da SUNY Ulster.

Em 214, 5ª edição do Programa, realizada de 14 a 25 de julho, atendeu 69 alunos, divididos em três turmas: Inglês Básico, Inglês Intermediário e Inglês Avançado, sob a responsabilidade de dois professores da SUNY Ulster e um professor da SUNY Genesee.

O público-alvo dos cursos é o aluno dos cursos de graduação tecnológica da Faculdade de Tecnologia. Todavia, o curso acolhe também alunos dos cursos de pós-graduação da Unidade, servidores técnico-administrativos, alunos egressos, professores de Etecs e Fatecs, além de familiares de alunos e professores e pessoas da comunidade tanto de Americana, quanto de cidades vizinhas.

Os cursos são organizados por professores do Núcleo de Línguas da Unidade com a colaboração de funcionários administrativos e outros professores de áreas diversas.

A primeira edição do Programa de Imersão em *Língua Portuguesa e Cultura Brasileira*, também resultado do convênio com a SUNY foi realizada de 03 a 29 de julho de 2013, quando a Fatec Americana acolheu uma estudante de Genesee Community College, da cidade de Batavia, New York, aluna do curso de *Liberal Arts General*. As aulas foram ministradas por professores de Português e Inglês da Unidade.

A partir da descrição dos Programas acima é possível verificar o envolvimento de vários interlocutores, não apenas da comunidade acadêmica da Fatec Americana e da SUNY, como também de outras Unidades do Centro Paula Souza e da comunidade externa.

Dessa forma é possível vislumbrar que a partir do cenário descrito poderemos atender, nas análises futuras, a um dos objetivos da pesquisa que é “analisar criticamente a experiência vivida por docentes, discentes, coordenadores de cursos e demais membros das comunidades acadêmicas nacionais e internacionais envolvidas no processo de internacionalização”.

Collaborative Online International Learning (COIL)

Os autores deste trabalho e a direção da Fatec-Americana detectaram, em suas incursões pelo processo de internacionalização, alguns pontos importantes, tais como: a) a necessidade de estabelecermos ações a baixo custo; b) a necessidade de estreitamento de relações com um parceiro presente; c) a possibilidade de alavancar e dar um caráter mais prático aos conteúdos de disciplinas e d) a possibilidade de oferecer aos alunos, em sua maioria com poucos recursos financeiros, uma maneira de "enfrentar" o isolamento social e cultural em condições profissionais verossímeis, porém respaldados por ambiente didático-pedagógico acolhedor.

Com esses pressupostos em mente, SUNY Ulster e Fatec-Americana desenvolvem um projeto por meio do Centro COIL (Cooperative Online International Learning, cuja tradução aproximada seria Aprendizagem Internacional Online de forma Colaborativa). As iniciativas do COIL visam dar oportunidades aos estudantes de vivenciarem situações internacionais em ambientes online.

As IESs definiram uma área comum, Gestão Empresarial, e buscaram, em seus respectivos campi, professores interessados em desenvolver atividades pedagógicas conjuntas. O parceiro americano identificou o docente da disciplina de Principles of Management (Princípios de Gerenciamento), enquanto que o parceiro brasileiro identificou o docente da disciplina de Administração Geral.

Formou-se uma equipe composta pelos dois docentes, uma designer de cursos e dois coordenadores de internacionalização que montou um quadro bilíngue das atividades a serem desenvolvidas em cada fase (ver abaixo) do projeto na plataforma Moodle. Em cada edição

semestral (estamos realizando a terceira no segundo semestre de 2014), o professor e o coordenador de internacionalização brasileiros selecionam seis alunos com maior proficiência em língua inglesa, identificados como intercultural brokers/agentes interculturais, alunos estes que são atribuídos a grupos diferentes e têm como intuito auxiliar na intermediação linguística e cultural. Cada grupo (seis, no total, por semestre) possui, em média, cinco alunos brasileiros e quatro alunos americanos, com dupla coordenação exercida por um aluno de cada país. Dentre todos os alunos brasileiros, um(a) é escolhido(a) para atuar como CEO e o mesmo ocorre do lado americano. Os CEOs têm a função de interagir com os professores e auxiliar na resolução de quaisquer problemas gerais no projeto.

As interações se dão, na prática, por meio do Moodle, Facebook, Skype e troca de emails. As apresentações resultantes do projeto são desenvolvidas colaborativamente por meio das ferramentas do Google Docs.

Conforme o exposto acima, os grupos são convidados a cumprir, ao longo de oito semanas, cinco fases no projeto, a saber:

- Fase 1 – Os grupos respondem a um questionário “quebra-gelo” com o intuito de conhecer e interagir com os colegas da outra instituição.
- Fase 2 – Na primeira parte desta fase, os grupos pesquisam e apresentam para os demais alunos um produto que foi lançado com sucesso no mercado e outro que não obteve sucesso. Já a segunda parte tem o intuito de melhorar os conhecimentos dos alunos sobre o Brasil e os Estados Unidos, assim cada grupo seleciona um tópico, dentre as seguintes opções: visão política dos países, aspectos culturais interessantes, situação econômica dos países, história dos países, tendências demográficas e características da juventude e apresenta aos outros.
- Fase 3 – os grupos identificam um produto a ser introduzido no mercado universitário brasileiro ou no mercado universitário americano e realizam uma pesquisa junto ao público-alvo visando perceber a viabilidade ou não da comercialização do produto selecionado.
- Fase 4 – os grupos criam e apresentam um Plano Estratégico com visão, missão, análise SWOT e identificação de Áreas Chave de Resultados.
- Fase 5 – os alunos respondem a um questionário que busca avaliar os resultados da atividade realizada entre as duas instituições educacionais e oferecer sugestões para a próxima edição.

Ao observarmos os depoimentos dos alunos da Fatec-Americana e de SUNY Ulster, podemos destacar os principais benefícios relatados:

- A conexão entre os aspectos teóricos e práticos na disciplina
"este projeto reflete como fazemos negócios no "mundo real" ao incorporar prazos e objetivos que precisam ser cumpridos (aluno de SUNY Ulster - tradução nossa).
- A percepção da importância do planejamento no espírito empreendedor
"pude extrair desta experiência que a pesquisa sobre a cultura e os dados sócio-econômicos-culturais são de fundamental importância para primeiramente definir o produto e em seguida realizar uma pesquisa de amostra com o público alvo para se ter dimensão da viabilidade do projeto como um todo" (aluno da Fatec-Americana).
- A constatação do modo de vida do estrangeiro.
(as interações realizadas por vídeo no começo e no final do projeto) "foram bem legais e proveitosas assim podíamos ver como era uma universidade Americana e eles uma Universidade Brasileira" (aluno da Fatec-Americana).
- As reflexões profundas sobre os processos e *ethos* culturais

"Os alunos brasileiros são imediatistas gostam de fazer logo o que esta proposto sem delongas e tempo a perder pra que os ânimos não se esfriem. Já os alunos americanos são mais tranquilos, vão levando aos poucos, demoram responder os estímulos na interação."

"ficou claro em alguns momentos que a interação por parte dos brasileiros é de formar uma amizade e os americanos mantem uma postura mais profissional".

"Americanos e brasileiros têm culturas diferentes. Aqueles com os quais eu falei foram legais e nunca pareciam frustrados. Os americanos, por outro lado, podiam ser duros e ficavam frustrados facilmente" (aluno de SUNY Ulster - tradução nossa).

- A descoberta de formas criativas de driblar as barreiras linguísticas e buscar aproximação com os membros estrangeiros da equipe.

"As interações face a face via Skype foram bastante interessantes, apesar de um pouco difíceis pela falta de fluência em inglês. Porém, as interações on-line via Facebook foram mais simples, devido à ajuda do Google Tradutor" (aluno da Fatec-Americana).

- A percepção de que a realização de ações profissionais com grupos culturais diversos demanda planejamento diferenciado.

"Tudo demora muito mais a ser completado. Nós tínhamos que traduzir o trabalho deles e eles tinham que fazer o mesmo com o nosso." (aluno de SUNY Ulster - tradução nossa).

- A compreensão de que há vários pontos em comum, apesar das diferenças.

"Que os estudantes brasileiros e norte-americanos têm muitos interesses em comum e procuram ter uma carreira de sucesso" (aluno da Fatec-Americana).

Via de regra, os alunos da Fatec-Americana com proficiência linguística e cultural restrita observam a globalização e os intercâmbios internacionais, mas não se sentem agentes participantes do processo e capacitados a participar. Por outro lado, os alunos americanos aparentam estar inseridos no processo de globalização, porém necessitam entender melhor e compreender o outro.

Em termos gerais, o projeto possibilita aos alunos brasileiros se sentirem ativos, participantes e menos temerosos de interagir com estrangeiros, enquanto que os alunos americanos têm a oportunidade de vivenciar situações a partir da perspectiva do outro.

Resultados preliminares

Convém resgatar, neste momento, o objetivo geral da pesquisa que é analisar criticamente as ações de internacionalização em desenvolvimento na Fatec Americana, para tentar compreender suas características e refletir de que maneira o processo de internacionalização pode contribuir com as estratégias de cooperação internacional, a geração de novos conhecimentos e o fortalecimento do ensino, pesquisas e programas de extensão na instituição de ensino.

A partir do objetivo geral da pesquisa evidenciado acima, é possível destacar os seguintes procedimentos: (1) analisar as ações; (2) compreender as características; e (3) refletir sobre o processo.

Para tal faz-se necessário identificar aspectos inerentes aos programas de internacionalização, que serão obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários aos diferentes segmentos da comunidade acadêmica envolvida no processo de internacionalização.

Primeiramente, é preciso elaborar roteiros para a realização dessas entrevistas, de maneira que os resultados obtidos possam corroborar com o objetivo de coletar dados que

permitam aos pesquisadores analisar a experiência vivida pelos atores e interlocutores do processo.

Alguns aspectos são considerados imprescindíveis para fornecer subsídios para elaboração desses roteiros, tais como:

- abrangência quantitativa do programa em: número de cursos, porcentagem de alunos aptos a participar; número de bolsas; duração do programa, entre outros aspectos;
- abrangência qualitativa do programa: impacto percebido no ensino, pesquisa, extensão, cooperação internacional, geração de novos conhecimentos, entre outros aspectos;
- caracterização da instituição prestadora: pública, privada, nacionalidade, e outras características consideradas pertinentes para a análise;
- adequação aos requisitos para as candidaturas de discentes: exames de proficiência linguística, perfil e desempenho acadêmico, área de conhecimento, entre outros requisitos fundamentais;
- avaliação das instâncias acadêmicas: docentes, discentes, coordenadores de cursos, direção.
- avaliação da comunidade externa: empresas; sindicatos das categorias profissionais envolvidas, entre outros órgãos julgados relevantes.

As entrevistas semiestruturadas foram elaboradas a partir de cinco roteiros direcionados a: (i) alunos matriculados na Fatec-Americana; (ii) alunos que participam ou participaram de programas de imersão; (iii) professores, coordenadores de curso e direção da Fatec-Americana; (iv) instituições internacionais conveniadas e (v) empresas com potencial para auxiliar na viabilização das parcerias.

Para este trabalho, contudo, delimitamos apenas dois roteiros conforme apresentado nos quadros 1 e 2 abaixo. O roteiro apresentado no quadro 1 será direcionado aos alunos matriculados na IES, com o objetivo de identificar o nível de conhecimento das políticas de internacionalização adotadas nas unidades e o grau de envolvimento da comunidade acadêmica.

Quadro 1: Roteiro para alunos matriculados nas IES

1. Caracterização do perfil do entrevistado.
2. Abordagem sobre o conceito de internacionalização.
3. Nível de conhecimento sobre os programas desenvolvidos na IES.
4. Grau de importância atribuído aos programas de internacionalização nas IES.
5. Nível de conhecimento sobre os requisitos exigidos para as candidaturas.
6. Nível de interesse em participar de programas de internacionalização.
7. Expectativas em relação à influência do processo no desempenho acadêmico e profissional.
8. Grau de interesse em aprimoramento das competências e habilidades para adequação do perfil acadêmico compatível com os requisitos fundamentais dos programas de intercâmbio.
9. Expectativas em relação à influência da internacionalização no desenvolvimento de atitudes de cooperação internacional.
10. Nível de valoração de aspectos ligados ao multiculturalismo e multilinguismo.

Fonte: elaborado pelos autores

O Quadro 2 apresenta os itens que serão abordados em relação aos alunos que participam e/ou participaram de programas de internacionalização. O propósito desses

questionamentos é identificar os aspectos positivos e/ou negativos decorrentes das experiências vivenciadas em programas de internacionalização.

Quadro 2: alunos que participaram ou participam de programas de internacionalização

1. Caracterização do perfil do entrevistado.
2. Caracterização do tipo de programa do qual participa ou participou.
3. Abordagem sobre o conceito de internacionalização.
4. Grau de importância atribuído aos programas de internacionalização nas IES.
5. Nível de dificuldade para participar dos programas de internacionalização.
6. Influência do processo no ensino/aprendizagem e na formação do aluno.
7. Expectativas em relação ao desempenho profissional.
8. Nível de satisfação/insatisfação em relação à atuação da IES.
9. Benefícios e riscos advindos da experiência.
10. Nível de influência da internacionalização no desenvolvimento de atitudes de cooperação internacional.
11. Nível de valoração de aspectos ligados ao multiculturalismo e multilinguismo.

Fonte: Elaborado pelos autores

Os referidos roteiros deverão nortear os questionários a serem aplicados, de maneira a fornecer subsídios para que se procedam às caracterizações e análises das ações e, por fim, que permitam a reflexão sobre o processo de internacionalização nas instituições de ensino superior.

Outros questionamentos poderão ser necessários à medida que as análises tornam-se mais densas ou contraditórias, a partir dos aportes teóricos que deverão fundamentar as reflexões.

Para as análises constantes neste trabalho foram consideradas apenas os aspectos relacionados aos quadros 1 e 2, que contém informações sob a ótica dos alunos que participam ou participaram de programas oriundos do acordo entre FATEC e SUNY, mais especificamente aqueles que participaram dos cursos de imersão em língua inglesa e cultura americana.

Os alunos participantes dos Cursos de Imersão em Língua Inglesa são oriundos, em sua maioria da própria Unidade de Ensino (Fatec Americana), ou seja, são alunos de cursos de graduação que almejam um domínio do idioma, pois entendem que poderá ser um facilitador para a sua inserção no mercado de trabalho.

Para esses alunos o conceito de internacionalização está relacionado a programas de mobilidade internacional aos quais atribuem importância fundamental para desenvolver suas competências linguísticas e para vivenciar diferenças culturais, embora reforcem a existência de muitas dificuldades para a inserção nesses programas.

Em relação à atuação da IES no processo de internacionalização, o aluno revela, por um lado, satisfação quanto a atuação de alguns professores e funcionários como mediadores do processo. Por outro lado, alega problemas de comunicação na Unidade e ausência de uma estrutura organizacional específica para tratar dessas ações.

O nível de satisfação em relação aos benefícios advindos da experiência é bastante alto, tendo em vista que os alunos que participaram desses programas são quase unânimes em manifestar interesse na continuidade dos programas.

Os aspectos culturais advindos das experiências também são relatados de maneira entusiástica e o envolvimento com os professores e alunos estrangeiros também são avaliados de forma bastante positiva.

CONCLUSÃO

Embora restritos às limitações da pesquisa ora relatada, é possível tecer algumas conclusões provisórias a respeito do processo de internacionalização na Fatec-Americana.

Apesar de algumas IES de maior porte adotarem políticas institucionais de internacionalização, o que pode ser verificado na maioria das instituições de uma forma geral é a ausência de uma política de internacionalização. O que normalmente ocorre são ações isoladas orquestradas por grupos interessados em promover a internacionalização, por meio de programas de intercâmbio que priorizam a mobilidade estudantil.

É possível verificar, ainda, que a maior parte das ações realizadas nas instituições consiste no processo de internacionalização passiva, ou seja, na emissão de estudantes e professores pesquisadores e recepção de professores visitantes.

Na Fatec Americana foi possível observar que as ações começaram a ser delineadas a partir do Acordo estabelecido com a SUNY, o que desencadeou também outros programas com vistas à internacionalização além de motivar a participação da comunidade acadêmica.

Embora o acordo estabelecido apresente características bilaterais de cooperação, tendo em vista que as instituições participantes elaboraram em conjunto um programa de internacionalização, muitas ações precisam ser redefinidas para que o processo possa se desencadear não ocorra primordialmente de forma passiva.

Dessa maneira, é possível afirmar que a cultura da internacionalização começa a ser instaurada e discutida na Fatec-Americana, razão pela qual, torna-se necessário a realização de estudos e pesquisas relacionadas às políticas adotadas, visando a sua análise crítica e a sua adequação aos parâmetros institucionais de ensino, pesquisa e extensão.

Há que se destacar, ainda, que a cultura de internacionalização nas instituições brasileiras é um processo recente e carece de estudos e pesquisas para que suas políticas possam ser delineadas a partir de estratégias que colaborem com a cooperação internacional, com a geração de novos conhecimentos e o fortalecimento do ensino, pesquisa e extensão nas instituições.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G. Corrupção: importante desafio à internacionalização. **Ensino Superior UNICAMP** [online]. 2012. Disponível em <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/corruptao-importante-desafio-a-internacionalizacao>>. Acesso em 20 mai. 2014.

AZEVEDO, M.L.N.; CATANI, A.M. Educação superior, internacionalização e circulação de ideias: ajustando os termos e desfazendo mitos. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 273-291, mai./ago. 2013.

BRASIL. **Ciência sem Fronteiras**. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Disponível em <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/home>. Acesso em 15 out. 2013.

CORREIA LIMA, Manolita; BETIOLI CONTEL, Fábio. Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil. *Revista e-Curriculum*,

PUCSP – SP, Volume 3, número 2, junho de 2008. Disponível em <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em 31 jul. 2014.

KNIGHT, Jane. Cinco verdades a respeito da internacionalização. **Ensino Superior UNICAMP** [online]. 2011. Disponível em <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/cinco-verdades-a-respeito-da-internacionalizacao>>. Acesso em 10 jun. 2014.

LIMA, M.C.; CONTEL, F.B. 2011. **Internacionalização da Educação Superior. Nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. Alameda, São Paulo, 2012.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? In: **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 575-598, jul./set. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n72/a07v19n72.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2014.

LIMA, Manolita Correia; MARANHAO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. Reflexões (ainda) necessárias acerca da mobilidade estudantil. In: **VIII Colóquio Internacional sobre gestão universitária da América do Sul**. Assunção, Paraguai. 2008. Disponível em <http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/2197.pdf>. Acesso em 12 abr. 2014.

MARRARA, Thiago. Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. In: **RBPB – Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 4, n.8, p.245-262, dez. 2007.

MIURA, Irene K. **O processo de internacionalização na Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas do conhecimento**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 2006.

RUDZKI, Romuald E. J. The application of a strategic management model to the internationalization of higher education institutions. In: **Higher Education**, Reino Unido, v. 29, n. 4, p. 421-441, jun. 1995. Disponível em <<http://link.springer.com/article/10.1007%2F01383961>>. Acesso em 5 ago. 2014.

SOUZA, E.P.; FLEURY, M.T.L. estratégias e competências para a internacionalização de instituições de ensino superior do Brasil. In: Encontro da associação nacional de pós-graduação em administração, 33, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EnANPAD, 2009.

WIT, Hans de. Repensando o conceito de internacionalização. **Revista de Ensino Superior Unicamp**. [online] 2013. Disponível em <<http://revistaensinosuperior.gr.unicamp.br>>. Acesso em 13 mai 2014.

